



## O PADEIRO VIOLINISTA

Henrique Jorge e seu irmão Carlos Vítor pertenceram à Padaria Espiritual e lá eram conhecidos por Sarasat Mirim e Alcino Bandolim, ambos exímios violinistas.

Antônio Sales conheceu quando jovem essa família composta de talentos artísticos, capitaneada pelo professor de piano Jorge Vítor, e que ofereciam, rapazes e moças, num velho sobradão da rua Formosa, boa música para se ouvir e dançar. Ao piano, o professor, laiá e Dondon; ao violino, Henrique e Carlos; na flauta, Jorge e Alfredo e, no vocal, Santinha.

Depois a família se foi desintegrando, uns procurando melhores condições de vida na Amazônia, outros falecendo, muitos constituindo novos lares.

Henrique Jorge continuou o artista sério que sempre foi, estudando muito, formando sua própria orquestra, regendo-a em teatros, bailes e banquetes, organizando concertos e excursões pelo Norte,<sup>1</sup> Nordeste e Rio de Janeiro, acompanhando valores que por aqui aportavam. E, não raro, quando a música não lhe bastava ao sustento, saía às ruas sobraçando sua bolsa de afinador de pianos.

Franzino, tanto sacrifício em prol da Arte lhe foi minando o organismo mas só se deu por recompensado quando viu realizado o seu maior sonho: a inauguração em 15 de julho de 1919 de uma Escola de Música sob a inspiração de Alberto Nepomuceno, cujo hino mereceu letra do nosso Antônio Sales.<sup>2</sup>

Este não compreendia a indiferença criminosa a que estava relegado um valor musical de excepcional gabarito, lutando sozinho num ambiente acanhado e hostil, sem o apoio dos poderes públicos, antes sacrificando a saúde e o próprio conforto de seus familiares em nome da Arte em nossa terra. Afirmava Antônio Sales: *“Em nosso meio, ele era um pioneiro da arte musical, um crente nessa arte a que consagrou todo o seu amor, todo o esforço da sua vontade contra a inércia e a indiferença de um meio, que não o compreendia e muito menos o ajudava, e só agora começa a compreender o seu dever para com a memória sagrada e gloriosa de Alberto Nepomuceno”*.

Henrique Jorge amava sua esposa Júlia, seus filhos, sua oficina de car-

pintaria, seu inseparável cigarro, seus passarinhos — um canário, uma graúna, um corrução e em especial um gola — que mesmo depois de morto mandou enchê-lo de algodão e um gatinho, por ele mesmo batizado de Bemol.

No sábado de 6 de outubro de 1928 falecia o Sarasat Mirim; seus colegas e alunos prestaram-lhe comovida homenagem na missa solene de sétimo dia, oficiada na Igreja do Rosário, executando sob a batuta do Maestro Luigi Maria Smido, durante a solenidade religiosa, números musicais como a Marcha Fúnebre de Beethoven e a Ave Maria do próprio homenageado.

Antônio Sales sabia dos padecimentos de seu velho amigo, *“espírito brilhante e combativo mas hóspede de um corpo frágil”* e, sempre que possível, evitava fazer-lhe visitas nessas dolorosas ocasiões. Temperamento excessivamente impressionável, confessava-se o nosso poeta um covarde frente às enfermidades alheias, mas ciente do triste desenlace enviou ao jornalista Paulo Sarazate, um dos filhos do grande artista, a seguinte carta:

*“Fortaleza, 7 de outubro de 1928*

*Meu caro Paulo Sarazate*

*Por motivo de moléstia, não me foi possível ir visitar seu pai e meu velho amigo quando soube que ele estava prostrado com o agravamento de seus males.*

*E só no dia seguinte, por não ter visto jornais no domingo, soube do triste desfecho que enlutou sua família e o nosso meio artístico.*

*Companheiro de mocidade, tendo feito com o Henrique a campanha da Padaria Espiritual, muito senti o seu desaparecimento, sobretudo por ver que a sua vida foi nos últimos tempos uma luta tremenda e mortal contra a injustiça e a ingratidão do nosso meio.*

*Que ao menos se reconheça que ele foi um verdadeiro sacerdote da arte que cultivou com tanto talento e abnegação.*

*Receba nestas linhas o meu abraço de profundo pesar, e peço que transmita a todos os seus minhas cordiais condolências.*

*Do confrade e amigo obrigado*

*Antônio Sales.”*

## NÓTULAS

<sup>1</sup> Antônio Sales foi visitar o amigo que chegara de uma excursão artística ao Pará, em começos de 1895. Não o encontrando em casa, deixou-lhe o seguinte bilhete:

*“Devido a sério embaraço  
(umas visitas maçantes)  
eu ontem não pude vir  
dar-te o fraternal abraço  
cheio de efusões vibrantes,  
que aqui te deixo.*

*Moacir”*

- 2 Nepomuceno prestigiou a Escola, doou-lhe apólices para o seu patrimônio e nomeou-a proprietária de sua obra musical. Ato que, infelizmente, ficaram dormitando entre o papelório oficial. . .

## O MONUMENTO A JOSE DE ALENCAR

Augusto Sales, escondido na paisagem de Ivo de Sa, da região de Contas, em Piauí, quando da presidência de Justino de Sousa, escreveu num de seus artigos: "É para lembrar o nome de um puro monumental na supremacia administrativa do Estado, através de um momento de sua vida, e para que sua obra seja conhecida e apreciada por todos os brasileiros, que se fez necessário a criação de um monumento a José de Alencar em suas terras".

Este monumento, lançado a ser construído, foi a primeira obra do tipo de monumento de Justino de Sousa, em Piauí, por ocasião de sua morte, em 19 de março de 1924, após vários períodos de exílio, em decorrência de sua oposição ao regime de Getúlio Vargas, que se tornou o primeiro presidente do Brasil em 1930.

Logo após a morte de Justino de Sousa, em 1924, seu filho, o Sr. João de Alencar, em 1924, criou o monumento em homenagem ao pai, em Contas, Piauí, em 1924.

Este monumento, em Contas, Piauí, foi inaugurado em 1924, em homenagem ao pai, em Contas, Piauí, em 1924.

Este monumento, em Contas, Piauí, foi inaugurado em 1924, em homenagem ao pai, em Contas, Piauí, em 1924.

Este monumento, em Contas, Piauí, foi inaugurado em 1924, em homenagem ao pai, em Contas, Piauí, em 1924.